

SUMÁRIO EXECUTIVO

Medidas Internacionais contra as Mudanças Climáticas

As decisões tomadas na Conferência das Nações Unidas sobre mudanças climáticas, a ser realizada em dezembro de 2009 em Copenhague, afetarão os cidadãos britânicos e a população mundial em geral por várias gerações. Este documento foi publicado para que todos no Reino Unido tenham conhecimento de como atuaremos nas negociações e para auxiliar o debate, de forma que suas próprias opiniões sejam ouvidas.

O desafio perante os negociadores em Copenhague é de escala global. A ciência é clara com relação à necessidade de limitarmos o aumento da temperatura global em 2 Graus Célsius (°C) em comparação aos níveis pré-industriais, para que possamos reduzir os riscos de mudanças climáticas perigosas no futuro. Porém, as consequências não são somente ambientais. Os custos da falta de ação são econômicos e financeiros. Se não agirmos, os impactos em nosso estilo de vida serão muito maiores e os custos, mais altos ainda.

A primeira parte esclarece porque precisamos de um acordo em Copenhague. Caso as mudanças climáticas continuem fora de controle, nossa prosperidade, segurança e meio ambiente serão colocados em risco.

O Reino Unido está mais suscetível a inundações, graves impactos na agricultura e verões ainda mais quentes, pressionando os serviços britânicos de saúde e transporte e enfraquecendo a economia. Nos países em desenvolvimento, as mudanças climáticas constituem ameaça de catástrofes humanas e ecológicas, com risco de falta de alimentos e água, maior disseminação de doenças e aumento do

Caso não sejam tomadas medidas urgentes, quando uma criança nascida hoje chegar aos 50 anos, o aquecimento global poderá estar em 2,5°C acima dos níveis pré-industriais. Será um mundo em fase de mudanças drásticas.

- Temperaturas de verão como as vivenciadas na Europa em 2003 – um verão com uma onda de calor tão forte que causou a morte de 35.000 pessoas - serão excedidas regularmente. Cerca de 20 a 30% das espécies vegetais e animais poderiam ser extintas.
- A produção de alimentos pode estar começando a diminuir – enquanto a população mundial deve chegar aos 9 bilhões em 2050.
- Essas mudanças poderiam levar a milhões de desabrigados.
- A redução de 60% das geleiras no hemisfério norte provavelmente afetará a disponibilidade de água potável para cerca de um sexto da população mundial.

número de refugiados do clima. A conseqüente instabilidade política poderia acarretar sérias conseqüências para a segurança nacional do Reino Unido. As mudanças climáticas constituem um risco sistemático a nossa economia.

No entanto, o controle das mudanças climáticas também diz respeito a aproveitar oportunidades. O Reino Unido pode se beneficiar do enorme potencial de inovação em novas tecnologias de baixas emissões de carbono e indústrias ecológicas, cujo valor ao redor do mundo foi estimado em £3 trilhões e que emprega 880.000 pessoas no país. O desenvolvimento de novas fontes de energia renovável de baixas emissões de carbono reduzirá nossa dependência a longo prazo de combustíveis fósseis, tornando nossa economia menos suscetível à volatilidade dos preços do petróleo e garantindo que nossas futuras fontes de energia sejam mais seguras. O investimento na economia de baixas emissões de carbono é crucial para que o Reino Unido se recupere da atual crise econômica.

Apenas um acordo internacional pode assumir os desafios de lutar contra as mudanças climáticas. Nenhum país pode fazê-lo sozinho: este é um problema global que exige uma solução global. Os países devem ter a certeza de que não estão agindo sozinhos e de que os países mais pobres precisam de apoio. Aproveitando a experiência e aprendendo com as lições de acordos prévios, devemos colocar em prática uma estrutura de ação que englobe todos os países, garantindo que os compromissos sejam cumpridos.

Essa é uma questão urgente. Quanto mais adiarmos, mais graves serão as conseqüências das mudanças climáticas e maiores serão os custos das ações subsequentes que precisarão ser tomadas. O cenário político internacional tem sido estruturado em direção a Copenhague há dois anos: o momento deve ser aproveitado.

A segunda parte esclarece o tipo de acordo desejado, descrevendo as prioridades do Reino Unido em cada uma das principais áreas de negociação.

O Reino Unido está trabalhando por um acordo que seja ambicioso, efetivo e justo.

Ambicioso: O Reino Unido acredita que o principal objetivo do acordo de Copenhague seja limitar as mudanças climáticas a um aumento da temperatura global média de 2°C. Isso significa que o acordo precisa estabelecer uma trajetória plausível para reduzir as emissões globais em, pelo menos, 50% em relação aos níveis de 1990 até 2050, além de implementar medidas imediatas para garantir que as emissões comecem a ser reduzidas na próxima década.

Os países desenvolvidos precisam dar o exemplo, determinando novas metas para reduzirem suas emissões em, pelo menos, 80% até 2050, inclusive por meio do aumento das metas de médio prazo a fim de atingir o objetivo final. De acordo com as análises do IPCC, os países desenvolvidos deveriam reduzir suas emissões coletivamente em 25 a 40% abaixo dos níveis de 1990 até 2020.

O nível de esforço dos países em desenvolvimento deverá refletir as circunstâncias nacionais, mas eles também deverão implementar medidas, com o devido auxílio dos países desenvolvidos, para seguir em direção ao desenvolvimento com baixas emissões de carbono. Pesquisas recentes sugerem que, até 2020, as emissões dos países em desenvolvimento como um todo precisam ser aproximadamente 15% a 30% inferiores às projetadas nos níveis *business as usual*.

Um acordo ambicioso deve garantir também que todas as principais fontes de emissões sejam incluídas, especialmente as originárias da aviação, do transporte marítimo e do desmatamento.

Evitar o desmatamento é essencial: as emissões do desmatamento são responsáveis por aproximadamente um quinto do total global, ao mesmo tempo que as florestas possuem grande biodiversidade e valor ambiental. A comunidade internacional tem claro interesse em preservar as florestas do mundo, mas elas são propriedade dos países onde estão localizadas. Levando em consideração os direitos das comunidades locais e dos povos indígenas que nelas vivem, desejamos alcançar em Copenhague um acordo para reduzir o desmatamento das florestas tropicais em, pelo menos, 50% até 2020, e para por fim à perda da cobertura florestal global no mais tardar em 2030. Desejamos acordar um financiamento substancial e, futuramente, um financiamento de longo prazo (como, por exemplo, por meio do mercado de carbono).

Efetivo: O acordo de Copenhague precisa implementar uma estrutura que ofereça credibilidade e, conseqüentemente, atraia investimentos para a energia limpa, o uso sustentável das florestas e da terra e adaptação.

O Reino Unido apoia especialmente o desenvolvimento de um mercado de carbono global para estimular a redução de emissões de forma barata e garantir grandes fluxos financeiros para os países em desenvolvimento. Queremos chegar a uma estrutura internacional que apoie a relação de sistemas de comércio de emissões entre países desenvolvidos até 2015; isso definiria novos sistemas setoriais de comércio de carbono para permitir que os países em desenvolvimento com economia mais avançada tenham acesso a financiamento e a redução de emissões barata nos setores-chave, o que reformaria o atual Mecanismo de Desenvolvimento Limpo (que apoia o investimento de países desenvolvidos em

países em desenvolvimento e a geração de créditos de carbono) afim de melhorar sua eficiência e efetividade ambiental.

O desenvolvimento e a transferência de tecnologia são essenciais na luta contra as causas e conseqüências das mudanças climáticas – desde fontes de energia de baixas emissões de carbono à construção de infra-estrutura capaz de suportar os efeitos das mudanças climáticas. Em Copenhague, nosso objetivo é garantir que as tecnologias existentes sejam divulgadas mais rapidamente ao redor do mundo, por meio do estabelecimento do mercado de carbono e do fornecimento de apoio político e assistência técnica adicional aos países em desenvolvimento. Também aceleraremos o desenvolvimento de novas tecnologias para que sejam disponibilizadas comercialmente da maneira mais rápida e barata possível, por meio do aumento do investimento em inovação e da maior colaboração com os países em desenvolvimento.

Para ser efetivo, o acordo deve ser legalmente vinculante para todas as partes envolvidas, com um regime de cumprimento efetivo e a garantia de que os compromissos de redução de emissões de todos os países sejam transparentes e estejam sendo implementados. Sendo assim, o Reino Unido defende medidas sólidas de monitoramento, relatório e verificação (MRV).

Justo: As mudanças climáticas envolvem uma injustiça fundamental: em grande parte foram causadas pelas emissões históricas dos países industrializados, contudo, são os povos mais pobres e vulneráveis que sofrerão seus piores e primeiros efeitos. Portanto, é muito importante que o acordo de Copenhague forneça apoio aos países em desenvolvimento para que eles possam se adaptar e agir em relação às mudanças climáticas. Buscaremos garantir que os países mais pobres e vulneráveis recebam o apoio financeiro do qual necessitam para tornar a adaptação às mudanças climáticas parte integral de seu processo de planejamento de desenvolvimento nacional, com fundos destinados às suas principais necessidades. Também tentaremos assegurar o apoio internacional para melhores fontes de informação sobre as mudanças climáticas para avaliar seus riscos futuros e formas de adaptação.

Portanto, uma prioridade em Copenhague será conseguir o financiamento necessário para apoiar a ação de países em desenvolvimento com relação a mitigação e adaptação. Grande parte dos fundos para a redução de emissões - e parte dos fundos para adaptação - provavelmente virá do setor privado, e é essencial que o acordo global implemente medidas que estimulem esse investimento. Contudo, será necessária uma quantia significativa de fundos públicos – principalmente a curto prazo, para garantir

que essas ações sejam tomadas o mais rápido possível, que as emissões atinjam seu ponto máximo na próxima década e que os países tenham ajuda para se adaptar.

Em Copenhague, tentaremos garantir que os países desenvolvidos cumpram seu compromisso com a Ajuda Oficial ao Desenvolvimento (ODA) e realizem esses gastos levando em consideração os fatores climáticos. Além disso, tentaremos garantir que parte do financiamento climático seja providenciada além dos compromissos a longo prazo da ODA existentes. Gostaríamos que o futuro financiamento climático fosse fornecido tanto pelos países desenvolvidos quanto pelos países em desenvolvimento (com exceção dos mais pobres), com contribuições calculadas de acordo com as emissões e a situação financeira do país. Tentaremos acordar programas capazes de gerar rendas previsíveis para ações relacionadas às mudanças climáticas, de forma que os países em desenvolvimento sintam-se confiantes para agir de maneira ambiciosa, tendo a certeza de que haverá dinheiro.

Para fazer com que um novo e ambicioso acordo funcione, precisamos de instituições internacionais sólidas, capazes de implementar um acordo de maneira rápida e em suficiente escala. Sempre que possível, queremos reformar e desenvolver as instituições já existentes, estabelecendo novas instituições apenas quando for necessário. Em Copenhague, tentaremos acordar estruturas de financiamento simples, justas e de governança eficiente, que tenham representação igual de contribuintes e beneficiários em um órgão coordenador de alto nível, sob orientação da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre a Mudança do Clima - CQNUMC . Queremos que o financiamento climático apoie diretamente estratégias nacionais de baixas emissões de carbono e de desenvolvimento que preserve o clima, de acordo com os padrões internacionais de gestão financeira. Isso possibilitará que decisões relacionadas a gastos sejam tomadas pelos próprios países em desenvolvimento.

A terceira parte esclarece as ações desenvolvidas pelo Reino Unido a fim de contribuir com os esforços globais relacionados ao clima. Desde 1990, as emissões de gases de efeito estufa do Reino Unido foram reduzidas em 20%, superando a meta determinada pelo Protocolo de Quioto.

Com a Lei de Mudanças Climáticas de 2008, o Reino Unido se tornou o primeiro país do mundo a estabelecer em lei 'orçamentos de carbono', que reduzirão as emissões do país em 34% até 2020 e em 80% até 2050. Nos próximos meses, o Governo publicará um documento de políticas públicas, determinando uma estratégia abrangente para atingir essas metas, criando condições de longo prazo para que empresas invistam na economia de baixas emissões de carbono. Ele incluirá políticas de apoio para que residências e empresas melhorem sua eficiência energética; para aumentar a proporção de

energia de fontes renováveis, como eólica e de biomassa em 15% até 2020; para facilitar a construção de novas usinas nucleares que substituirão àquelas que serão fechadas; e para apoiar até quatro demonstrações de captura e armazenamento de carbono, tornando o Reino Unido o líder mundial nessa tecnologia essencial para reduzir as emissões de usinas termelétricas a carvão. O Governo está comprometido em maximizar os benefícios econômicos da mudança para uma economia de baixas emissões de carbono, a fim de proteger a segurança energética do Reino Unido e os mais vulneráveis na sociedade.

Um acordo ambicioso em Copenhague é crucial para o Reino Unido. O sucesso – ou falha – afetará todos os cidadãos britânicos e suas futuras gerações. O Governo está se empenhando, no entanto, é fundamental que haja pressão pública, tanto no Reino Unido como ao redor do mundo, para que se firme um acordo forte em Copenhague. Precisamos de um acordo que seja ambicioso o suficiente para nos colocar em direção à meta dos 2°C, e que garanta ações em escala suficiente para desencadear os investimentos e ações necessários para que mudemos rapidamente para uma economia de baixas emissões de carbono. Todos podem ajudar a defender um resultado ambicioso em Copenhague.

Um acordo em Copenhague é a entrada para um mundo mais seguro e estável. Não podemos perder essa oportunidade.